

A política da dívida

GAZETA MERCANTIL

13 SET 1984

O estado atual da economia brasileira ganhou ontem alguns beneplácitos internacionais significativos. Num encontro com líderes empresariais em São Paulo, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger afirmou que a dívida externa brasileira não preocupa particularmente os credores. No final do encontro informal de ministros do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT), ontem, no Rio, o ministro da Economia da Alemanha, Martin Bangemann, disse ao repórter Walter Diogo, deste jornal, que o Brasil deu uma demonstração de competência para superar a crise econômica e que "merece ajuda".

O ministro Bangemann informou que está negociando um acordo bilateral com o Brasil para administrar politicamente a dívida externa brasileira, na mesma linha de Kissinger, que

lembrou em São Paulo um famoso artigo em que propunha a negociação política da dívida externa dos países subdesenvolvidos.

Ainda mais concretamente, o principal personagem do encontro informal do GATT, William E. Brock III, assessor do presidente Ronald Reagan para comércio exterior, realizou duas importantes negociações com o ministro da Fazenda brasileiro, Ernan Galvão.

Segundo informou o diretor do GATT, Arthur Dunkel, à repórter Suely Caldas, Brock concordou com a reivindicação de Galvão para que seja levada em conta a condição de devedores dos países beneficiados pelo Sistema Geral de Preferências (SGP). Esta concessão norte-americana aliviou um pouco a confirmação de que Washington recusou dezesseis pedidos brasileiros de inclusão de novos produtos



Henry Kissinger

na lista do SGP. Atualmente há 3 mil produtos brasileiros catalogados nessa lista.

William Brock também prometeu a Galvão reexaminar as restrições norte-americanas às exportações brasileiras de aço, encaminhando os dois temas ao Congresso norte-americano nesta quinta-feira. Em entrevista coletiva, no domingo, Brock havia rechaçado as acusações de protecionismo contra seu país, argumentando que metade do crescimento do comércio mundial nos últimos doze meses se deve ao déficit elevado da balança comercial norte-americana.

Mas seu compatriota Kissinger, um republicano influente que não participa diretamente do governo Reagan, reconheceu que o protecionismo é um problema sério que terá de ser enfrentado com uma maior abertura do comércio internacional.

Conforme relatou o re-

pórter M. A. Coelho Filho, Kissinger lembrou que o presidente Reagan, depois de reeleito, nunca mais se preocupará com eleições, pois não poderá disputar o cargo na sucessão seguinte. Com isto, poderá liberalizar mais o comércio, pois estará mais imune às pressões internas pelo protecionismo.

O ex-secretário de Estado conversou também com o governador paulista Franco Montoro e com os secretários de Governo, Roberto Gusmão, e do Planejamento, José Serra. Kissinger mais ouviu do que falou, reproduzindo a postura que seus interlocutores empresariais narraram aos repórteres J. A. Tiradentes e Graça Silva. Na conversa política, ele ouviu um pouco do que pensam os partidários da candidatura presidencial de Tancredo Neves. Eles pensam, por exemplo, que o atual governo não tem mais legitimidade para negociar a dívida externa brasileira.